

**ENTREVISTA REALIZADA COM A IRMÃ OLINDA PEREIRA, EM  
OUTUBRO DE 2010, PARA A REVISTA VIRTUAL CIÊNCIAS EM FOCO.**



Nascida no Timor-Leste, Irmã Olinda Pereira é religiosa da irmandade canossiana, formada em Educação Matemática pela Universidade Sanata Dharma Yogyakarta, Indonésia, com especialização em Educação e Ensino, pela Universidade Nacional de Timor-Lorosae. Atualmente, a educadora está no Brasil para realizar o curso de mestrado em Educação Matemática na Unicamp, junto ao grupo Formar

Ciências, com financiamento da Capes. O tema da sua pesquisa segue as tendências atuais da Educação Matemática, e tem por título: Materiais didáticos nas aulas de matemática no ensino básico em Timor-Leste.

**REVISTA CIÊNCIAS EM FOCO: Onde a senhora nasceu? Fale um pouco sobre seu país, sua família.**

**OLINDA:** Nasci no distrito de Lautem, na aldeia de Nassuloi, Estado de Suco Daudere, Timor-Leste. Meu pai é chefe da aldeia, tenho seis irmãos, sendo quatro irmãs e dois irmãos. Minhas irmãs são analfabetas, porque, em sua época escolar, havia escolas portuguesas apenas na capital, Díli, e eram para as elites falantes da língua portuguesa, língua dos colonizadores do meu país. Meus irmãos tiveram oportunidade de frequentar a escola e um deles fez Arquitetura, formou-se na Indonésia e trabalha na Secretaria de Estado de Eletricidade, Água e Urbanização. O outro irmão mora na Indonésia, onde se formou em Administração Pública, e faz mestrado.

**REVISTA: Descreva seu país, sua localização, sua história, o contexto social, a vida das pessoas.**

**OLINDA:** Timor-Leste é um país localizado na parte sudeste da Ásia, próximo à Oceania, podendo ser considerado país integrante da Ásia ou da Oceania. A população atual fica em torno de 800 mil habitantes. Trata-se de uma ilha de origem malaia, com a forma semelhante à de um crocodilo, que é símbolo do nosso país.

No século XVI, entre 1512 e 1520, os portugueses chegaram à ilha interessados no sândalo, madeira nobre utilizada na perfumaria e móveis de luxo.

É um país que apresenta um desenvolvimento bastante lento, pois grande parte do país ainda está totalmente destruída devido às constantes guerras.

Temos muitos problemas de energia, todo dia falta energia elétrica, mesmo na capital.

Os índices de analfabetismo e desemprego são muito altos.

**REVISTA: Todo povo timorense tem acesso à educação? Existe educação de qualidade?**

**OLINDA:** Durante o domínio de Portugal, houve pouco investimento na área de educação. Em 1953, havia apenas 8.000 estudantes frequentando as 39 escolas primárias existentes no território.

Após a independência, em 1975, a quantidade de alunos cresceu para 60 mil, distribuídos em 456 escolas, embora o ensino secundário fosse quase inexistente e a taxa de analfabetismo permanecesse acima dos 80%.

Hoje, todos têm direito à educação gratuita: a última constituição garante esse direito. No entanto, não existe estrutura física suficiente para atender a todos os timorenses. Os que residem no interior têm ainda menos recursos nas escolas públicas. Há carência, inclusive, de professores formados em todas as áreas de conhecimento.

As escolas públicas não têm carteiras nem livros suficientes para todos os alunos, além de não termos prédios adequados. Tudo é improvisado. Mesmo na capital, algumas crianças sentam-se no chão para estudar. Muitas escolas são cobertas apenas com palha e não têm paredes.

As escolas de qualidade são, na maioria, religiosas ou privadas. As escolas religiosas são as que proporcionam a boa educação no país. Existe um esforço para a melhoria do ensino público no meu país, mas o progresso é lento.

**REVISTA: Os alunos do Timor são alfabetizados em Português?**

**OLINDA:** O Timor-Leste foi colônia de Portugal até agosto de 1975, pois, nessa data, foi proclamada a república de nosso país. O governo português entregou o poder à Frente Revolucionária (FRETILIN). No entanto, sua independência foi de curta duração, devido à invasão de tropas militares da Indonésia na capital Dili, tomando toda parte oriental de Timor. Por isso, os habitantes do meu país são divididos entre

os que falam Tétum, que é o dialeto oficial do estado, o Português, por influência da colonização e o Indonésio devido à invasão em nosso país.

No país todo, há 37 dialetos. Só em meu distrito temos 4 dialetos e eu falo todos os dialetos do meu distrito. As línguas obrigatórias são o Português e o Tétum. Os mais antigos não falam nenhuma dessas línguas, apenas o dialeto local, e isso atrapalha a unificação do país.

Atualmente, os alunos timorenses que moram na capital Díli são alfabetizados em Português desde 2008, mas, na grade curricular de ensino, há uma disciplina para aprender a língua da nação, o Tétum, como segunda língua, enquanto os demais distritos continuam alfabetizando em língua indonésia e Tétum.

Estamos em um período de transição na educação: o ensino secundário e o ensino médio ainda têm o Indonésio como língua na escola, mas no ensino básico temos o Português como língua de alfabetização para que as futuras gerações falem e aprendam em língua portuguesa.

As crianças no período escolar falam o Português, por força do ensino obrigatório; porém, os jovens querem falar inglês, porque aspiram fazer parte do mercado de trabalho na Austrália, devido às precárias condições de trabalho em nosso país. Ainda existe muita pobreza e miséria. O povo timorense sai muito do país para trabalhar na Austrália e na Inglaterra, geralmente como mão de obra barata, para fazer o serviço pesado, porque a educação não progrediu ainda.

**REVISTA: Qual é o nível de analfabetismo no seu país? Existe perspectiva de mudança?**

**OLINDA:** O analfabetismo, no momento, está em torno de 80% da população. Esse índice é muito alto, acompanhado de muita miséria e das altas taxas de desemprego. Meu país é considerado um dos mais miseráveis do planeta. Atualmente, as vagas de emprego são tomadas pelos descendentes de portugueses, bem como as vagas nas escolas. Acredito que, com investimento na educação, no futuro, os mais humildes descobrirão que são capazes de melhorar suas vidas e saber que são importantes na construção e no desenvolvimento do país.

**EM FOCO: Fale sobre o nível de formação dos professores de ensino fundamental e os de ensino médio.**

**OLINDA:** A maioria dos professores de Matemática não são formados; muitos professores possuem apenas o ensino médio. Essa é uma realidade em nossa capital, sendo ainda mais complicada a situação em minha aldeia. Trata-se de um ensino em caráter de emergência.

No Timor-Leste, é muito difícil de encontrar professores com nível superior. Mestres e doutores são poucos. O problema não se resume apenas à formação: mesmo os formados em Matemática não têm experiência em trabalhar com os alunos, pois ainda não temos uma metodologia eficaz. Por isso venho ao Brasil, para aprender e levar subsídios para a formação de professores de Matemática do meu país, especialmente métodos de trabalho que envolvam materiais manipulativos.

O ministro da Educação do Timor-Leste está preocupado com a formação de professores. A partir de 2002, tem havido cursos intensivos de língua portuguesa, porque os professores foram formados na Indonésia e falam e lecionam apenas nessa língua.

**REVISTA: De quais materiais didáticos vocês dispõem para a educação básica? Há a necessidade de ampliar os métodos e os materiais na educação básica no Timor?**

**OLINDA:** Os únicos recursos didáticos utilizados no meu país são o quadro preto, giz colorido, livros didáticos escritos na língua indonésia e portuguesa.

Eu não sou a favor da transmissão de conhecimentos. Sou a favor da construção do conhecimento matemático pelas crianças. Mas para isso precisamos de novos materiais, principalmente manipulativos e jogos didáticos. É exatamente isso que vim buscar no Brasil: novas formas de aprendizagem da Matemática, sem ser apenas por repetição.

**REVISTA: Fale um pouco da sua história escolar.**

**OLINDA:** Sou a quinta filha de uma família composta por 6 irmãos. Meus pais e minhas duas irmãs mais velhas não frequentaram a escola na época do domínio português. Não havia interesse por parte dos portugueses em investir em educação em nosso país. Depois, houve a invasão da Indonésia e, apesar de não ser prioridade do governo indonésio, durante os 24 anos de invasão, o novo governo construiu escolas em todos os distritos para o ensino da língua indonésia.

Eu e meus 3 irmãos estudamos durante esse período, por isso fomos alfabetizados em Indonésio. Fiz o primário da primeira à sexta série na escola pública nº2, em Daudere. Da 7ª série ao final do ensino secundário, estudei na escola pública secundária nº 1, em Lautem Lospalos. No ensino secundário, o primeiro ano é geral e a partir do 2º ano o aluno tem que escolher a área de estudo que irá seguir futuramente. Todos os alunos com notas acima de sete em Matemática, Física e Química são indicados para estudos específicos na área A1, que compreende essas 3 disciplinas. Por essa razão, cursei a área A1, a área específica de Exatas.

**REVISTA: Fale sobre a sua formação.**

**OLINDA:** Fui à escola mais tarde, devido à guerra da invasão da Indonésia no Timor-Leste. Por isso, terminei o ensino básico com 17 anos, porque, na época da guerra, não havia escolas em meu distrito. Depois, fui para o ensino médio, que é dividido em áreas de conhecimento A1 (Matemática, Física e Química), A2 (Biologia), A3 (Ciência Social), A4 (Linguagem) e A5 (Religião).

No ensino médio, havia 150 alunos no primeiro ano, os quais depois fazem opção por área de conhecimento. A área A1 é a menos escolhida por todos que frequentam o ensino médio, principalmente entre as mulheres.

Assim que acabei o ensino médio, entrei para o convento como aspirante por um ano, postulante por mais um ano e noviça por dois anos. Nesse período, tive certeza que seria religiosa e eu professei minha vocação religiosa em 1997. Fui trabalhar na comunidade da irmandade canossiana em um colégio de meninas, onde a madre superiora percebeu minha facilidade em Matemática e me incentivou nos estudos.

Fiz a matrícula na Universidade Nacional do Timor-Leste, na capital Díli, no momento de guerra. Havia mais duas irmãs que estudavam comigo e sofriam perseguição militar. A madre superiora avisou que eu iria para a Indonésia, em Yogyakarta, ligada à irmandade, em razão da perseguição política. Houve, inclusive, duas irmãs que foram assassinadas nessa época (em 1999), pouco depois da independência timorense; uma delas era minha primeira superiora. Esse foi o primeiro martírio canossiano no país. O motivo era o serviço humanitário e o interesse na independência do Timor-Leste pela minha irmandade. Os militares perseguiram os militantes e a Igreja era muito envolvida na busca de liberdade do país. Atualmente, não existe perseguição nem política religiosa em meu país.

Ingressei no curso de Licenciatura em Educação Matemática, em 1998, na Universidade Sanata Dharma Yogyakarta, Indonésia, uma universidade católica jesuíta. Tive muita dificuldade, não por causa da língua, mas porque, no meu primeiro ano, as aulas eram apenas de demonstrações e eu não entendia muito as atividades propostas. Foi muito difícil adaptar-me. Cheguei muito tarde à universidade, aos 28 anos, enquanto meus colegas tinham 18 anos.

**REVISTA: Houve algum professor de Matemática que influenciou sua opção?**

**OLINDA:** Quando eu era pequenina, meu pai era chefe da aldeia e sabia Matemática, mesmo sendo analfabeto, e com ele aprendi a gostar dos números. Mas foi Felipe Hornai Neto, professor de ensino básico na escola da nossa aldeia, quem me influenciou fortemente porque em suas aulas ensinava Matemática de uma forma diferente. Foi a partir daí que descobri que a Matemática podia ser interessante.

O professor Felipe era muito criativo: levava a gente ao campo e contávamos as pedras, as árvores. Ele dizia haver muitos passarinhos naquelas árvores, e nos instigava: "você sabe contar quantos passarinhos estão naquela árvore?". Depois que alguns voavam, ele perguntava "quantos passarinhos tem na árvore agora? Então, quantos voaram?" Era muito lindo estudar junto da natureza e eu gostava cada vez mais de Matemática.

**REVISTA: Como foi sua trajetória profissional?**

**OLINDA:** Entrei para o convento da comunidade canossiana aos 23 anos, em 1993, e iniciei a minha carreira profissional como professora de ensino superior, no curso de bacharelado em Técnico de Computação e Gestão em Administração, ensinando as disciplinas de Matemática Básica e Estatística no Instituto Profissional de Canossa (IPDC), no período de janeiro de 2005 até 2009.

**REVISTA: Como chegou à Unicamp?**

**OLINDA:** O meu interesse em aprofundar meus estudos na pós-graduação no Brasil aconteceu quando cursei especialização em Educação e Ensino, no meu país, com três professores do IEL-Unicamp (Instituto de Estudos da Linguagem). Fui informada que existiam bolsas de estudos para alunos estrangeiros de 58 países, inclusive o Timor-

Leste, para interessados em intercâmbio de pesquisa. Então, fiz contato com a universidade para viabilizar, por meio da CAPES, estudos na área de Estatística.

Fiz um projeto, enviei uma carta, mostrando interesse em fazer pós-graduação no Brasil. Foi muito difícil todo o processo até chegar aqui, porque há muita burocracia. Outro problema é a internet, pois em meu país não há conexão para todos, apenas nas escolas privadas ou em órgãos do governo. Não há internet nas residências e, em *lan houses* cobram em torno de quatro dólares por hora.

Depois, entrei em contato com a universidade e com os professores do Imecc da Unicamp, tudo pela internet. Enviei meu projeto, justificando a importância em fazer mestrado em Estatística, conseguindo, assim, um orientador.

Foi muito difícil chegar até aqui: a viagem de três dias de avião custa em torno de 5 mil dólares e minha irmandade não tinha esse dinheiro todo para custear minha passagem. Pedimos, então, para o presidente do Timor-Leste. O que me fez vir para a Unicamp foi por ter um convento da minha irmandade na cidade de Campinas. Estou hospedada na minha comunidade canossiana em Campinas porque não temos famílias nesse país, e muitos desistem da viagem para um mestrado no Brasil porque não temos incentivos e a bolsa da Capes não é suficiente para hospedagem e alimentação.

### **REVISTA: E como chegou ao grupo Formar Ciências?**

**OLINDA:** Quando cheguei à Unicamp, cursei algumas disciplinas no Imecc e percebi que não seria útil para melhorar o processo de Educação Matemática em meu país. Seria importante atender às exigências mais urgentes do Timor, que, nesse momento, necessita ampliar a área de conhecimento na formação de professores de Matemática para o ensino básico. Solicitei, então, mudança para o curso de Educação Matemática na Faculdade de Educação da Unicamp.

Apresentei o projeto sobre jogos na Faculdade de Educação para o prof. Lorenzato e para o grupo de Educação Matemática do grupo Formar. Pretendo estudar os materiais manipuláveis e os jogos para ensino de Matemática no ensino básico.

**REVISTA: Como surgiu seu interesse pelo trabalho pedagógico com materiais didáticos e jogos matemáticos? Fale mais sobre seu interesse.**

**OLINDA:** Meu interesse é estudar a Matemática através de jogos. Esse interesse surgiu também na minha monografia da especialização que fiz em Timor-Leste, com orientação de professores brasileiros em 2009.

Também quero fazer a pesquisa porque gosto muito de crianças e estou preocupada com a educação básica de meu país. Pretendo atuar na formação de professores para o ensino básico visando a melhoria da educação.

**REVISTA: Seus estudos no programa de pós-graduação em Educação Matemática podem trazer benefícios para o seu país?**

**OLINDA:** Eu tenho muita esperança no futuro do Timor-Leste. É um país muito rico por haver petróleo. O principal consumidor de nosso petróleo é a Austrália. É um país pequenino, mas muito bonito. Tenho fé que o país vai melhorar muito sua situação, principalmente com a educação. Esperamos que os resultados de nosso trabalho reflitam em uma melhoria dentro dos próximos 4 ou 5 anos, quando a educação fará o país mudar para melhor. Teremos um povo que saberá reivindicar seus direitos, mas só com boa educação básica isso será possível.

O mais importante foi ter vindo para o Brasil e aprender muito aqui com os livros, com os materiais e melhorar a Educação Matemática em meu país.

Sei que não vou mudar o mundo, mas quero dar a minha contribuição. Se eu não começar, quem vai? Senão agora, quando? Tudo o que eu aprender aqui na Unicamp vai ser muito útil para o meu país e quero voltar cheia de novidades.

Agora quero conhecer como se trabalha no ensino básico no Brasil, quero conhecer a prática de sala de aula e a utilização de materiais didáticos para o ensino das crianças do meu país. Tudo que for de novidade no ensino básico para melhorar a condição do ensino e formar professores capazes de melhorar o ensino de Matemática do Timor-Leste. Sei que haverá professores resistentes, mas se conseguir influenciar um número pequeno já terá sido importante ter vindo para o Brasil e aprender e socializar no meu país tudo que aprendi aqui. Pois a prioridade de meu país é educação para melhorar a vida do povo.